

OS
OLHOS
DIZEM
TUDO
O ENCONTRO

ANA PAULA OLIVEIRA

OS
OLHOS
DIZEM
TUDO
O ENCONTRO


Editora

Copyright © Ana Paula Oliveira, 2025

Copyright © Editora Páginas Autênticas, 2025

Todos os direitos desta edição são reservados à autora. Sendo proibida a reprodução de qualquer parte dessa obra sem autorização prévia.

Edição

Editora Páginas Autênticas

Capa

Gialui Design

Revisão textual

Naiara Gomes Pimenta

Diagramação

Naiara Gomes Pimenta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Ana Paula.

Os olhos dizem tudo: O encontro / Ana Paula Oliveira. --

1. ed. — Jaraguá do Sul, SC: Editora Páginas Autênticas, 2025.

258 p.

ISBN 978-65-83043-48-1

1. Ficção brasileira. 2. Literatura fantástica.

3. Povos fictícios – Narrativas. 4. Romance dramático. I. Título.

CDD: 869.93

Jaraguá do Sul - SC

paginasautenticas@gmail.com

www.paginasautenticas.com.br



*“O mesmo fogo que devorou suas aldeias
arde agora em seus olhos
— não para destruir, mas para lembrar que o
Povo Nárrua ainda vive.”*



PREFÁCIO

A história da humanidade é marcada por povos grandiosos que desapareceram. Os Incas, os Maias e os Astecas, por exemplo, ergueram cidades, guardaram saberes e criaram culturas que a opressão espanhola apagou quase por completo.

Ao longo dos séculos, a violência se repetiu em diferentes formas. A chegada dos colonizadores portugueses e espanhóis nas Américas tentou apagar muitos povos indígenas, suas culturas e tradições; os exércitos de Gêngis Khan devastaram povos inteiros na Ásia e na Europa; e o nazismo tentou apagar vidas sob a falsa ideia de pureza, perseguindo e matando judeus, ciganos, pessoas com deficiência, opositores políticos e diversos outros grupos, levando ao Holocausto. Sempre houve aqueles chamados de “impuros” ou “indignos”, como retratado pelo que os Aimarás fizeram com os Nárruas na trama deste livro. Mas sempre houve resistência, e nenhuma violência conseguiu apagar por completo a memória de um povo.

O povo Nárrua, ainda que fictício, nasce como uma homenagem a todos os que foram silenciados. Ele nos lembra que a perseguição e a injustiça tentam calar vozes, mas que a esperança encontra caminhos para florescer mesmo nas terras mais áridas.

Este livro não é apenas sobre sobrevivência: é sobre a possibilidade de que, mesmo em meio à destruição, a vida insista em se perpetuar, e que o bem, contra todas as sombras, sempre prevalece.



CAPÍTULO 01

O velho Onan ajeita o último punhado de terra sobre o túmulo que cavou sozinho para sua amada esposa, Ava. Ela, e outras milhares de pessoas, não resistiram à grande peste que dizimou muitos povos. Onan não se conforma de ter sido ela a morrer, uma pessoa tão boa, e não ele, que derramou tanto sangue inocente durante o tempo em que fez parte do temido e cruel exército Aimarás. Como ele queria ter morrido no lugar dela e ter posto um fim às suas noites em claro. Assim, findariam os pesadelos com os rostos de mulheres, crianças e idosos que ele matou sem ao menos questionar.

Voltando para casa triste e desorientado, Onan encontra uma garotinha caída no chão da floresta. Ele passa por ela, a encara por alguns instantes, mas depois dá de ombros e segue seu caminho.

— *Deve ser uma órfã da peste* — ele conclui — *existem muitos por aí.*

Depois de andar alguns passos para longe da pobre menina, ele olha para trás e a encara por mais algum tempo.

— *Minha Ava com certeza a teria ajudado. Seu sonho sempre foi ter uma filha.* — Ele pensa e depois olha para a floresta, perguntando-se se ela conseguirá sobreviver ao frio e aos lobos depois que anoitecer.

Ele dá de ombros outra vez e decide ir embora. Depois de mais alguns passos, ele olha para a menina novamente.

— *Vai ficar sentimental a essa altura da vida, velho Onan?* — ele se pergunta.

Ignorando seu súbito e repentino sentimento de compaixão, ele se põe a andar outra vez. Mas, em seu íntimo, é como se ele ouvisse a voz da sua doce Ava implorando para que ele aja diferente só dessa vez. Ele para, aperta os olhos e os punhos, tentando

resistir ao impulso de dar meia-volta. Então, ele suspira e se vira na direção da menina.

— *E se for a vida me dando uma chance de reparar todo o mal que eu já fiz?* — ele diz baixinho, enquanto lágrimas se juntam em seus olhos.

Então, ele começa a andar na direção da menina. Quando para diante dela, ele vê que ela continua respirando. Também não há feridas na sua pele indicando que ela esteja com a peste. Só está muito suja e cansada. Onan calcula que ela deva ter entre cinco e seis anos. Ele se abaixa, pensa mais um pouco, mas acaba pegando-a no colo e levando-a para sua casa.

Deitada na cama dele, a menina dorme por mais algum tempo. Onan está fazendo uma sopa para que ela coma ao acordar. Ao sair do túmulo de sua amada Ava, seu plano era deitar-se e morrer. Mas agora, lá está ele, cozinhando para manter viva uma sobrevivente da peste, assim como ele.

Enfim, ela desperta, espreguiçando-se. Após olhar em volta, ela dá um grito quando vê o velho Onan e corre para se esconder atrás da cama. Ela está tremendo de tão assustada.

Onan anda devagar na direção dela esticando uma cuia de sopa para que ela entenda que ele só quer cuidar dela. Ele deixa a sopa no chão e vai recuando, fazendo gestos com as mãos, para que ela fique calma. Bem devagar, ele coloca sopa em outra cuia e a leva à boca, para que ela entenda que pode comer.

A menina olha para a cuia no chão. Tantos dias sem comer está fazendo sua barriga roncar alto de tanta fome. Mas o seu medo é mais forte do que sua fome. Onan continua incentivando-a a comer. Ela enxuga as lágrimas no seu braço. Seus olhinhos assustados comovem o coração dele.

— Meu nome é Onan — ele diz apontando para si — Qual é o seu nome? — ele pergunta, agora apontando para ela.

A menina segue muda. Onan pergunta mais uma vez, mas sem retorno da parte dela, que está dividida entre olhar para ele e para a sopa no chão. Percebendo que ela realmente está com muita fome, ele decide ir para fora da casa, pensando que assim talvez ela se sinta mais segura e coma.

Pela janela, a menina vê que o velho se afastou mesmo da casa. Ela então corre para pegar a cuia do chão e engole a sopa depressa, indo depois ao caldeirão pegar mais um pouco. Onan se aproxima da janela bem devagar e a observa se servir e comer com vontade. Ele sorri satisfeito e continua lá fora para que ela coma o quanto quiser.

Depois de comer até doer a barriga, ela fica olhando curiosa para as paredes, pensando em como tudo é bem diferente do que ela conhece por casa. Um grande cômodo com barro nas paredes e madeira com folhas no teto, não uma tenda como ela está acostumada. Ela observa o fogão a lenha dentro de casa, diferente de cozinhar direto na fogueira lá fora no quintal, como via sua mãe fazer. Também não há redes para dormir, e sim um amontoado de muitas peles de animais e tecidos sobre madeiras amarradas.

Ela corre para cama e cobre a cabeça quando escuta Onan voltando para dentro da casa. Ele se senta perto do fogo e espera que ela se acostume com a presença dele. O tempo passa e o silêncio, somado à sua barriga cheia, fazem a menina pegar no sono outra vez. Preocupado porque ela não se mexe debaixo das cobertas, Onan se aproxima lentamente para ver se está tudo bem. Ao puxar a cobertura, ele fica aliviado ao ver que ela está apenas dormindo. Ela se vira para o outro lado. Onan aproveita para tirar

do cabelo dela algumas folhas que estão presas em sua trança toda desgrenhada. Ao mover a trança dela para o lado, ele vê uma marca em sua nuca, parecida com uma raiz de árvore que desce pelo pescoço em direção às costas.

— Não pode ser! — Onan diz assustado, caindo para trás — Ela é filha do povo Nárrua! Aqueles malditos Nárruas!



CAPÍTULO 02

Dezoito anos se passam, e Aisha se torna uma linda mulher. Ela é muito esforçada e atenciosa, cuidando da casa e de Onan com muita dedicação e carinho.

Na primeira vez que ela o chamou de “pai Onan”, ele ficou emocionado e até chorou. Agora, quando ele a observa trazer pesados baldes de água para casa todos os dias, ele fica envergonhado e cheio de remorso ao se lembrar que pensou em matá-la quando descobriu que ela era uma filha do povo Nárrua.

Quando viu a marca na nuca dela naquela noite, ele andou aflito para cá e para lá, indeciso quanto ao que fazer com ela. Antigamente, não teria hesitado em matá-la, porque foi ensinado a enxergar outros povos como perigosos, como inimigos mortais que deviam ser eliminados a qualquer custo, principalmente o povo Nárrua. Mas ele nunca havia carregado no colo aqueles a quem iria eliminar, muito menos alimentá-los. Ter olhado dentro daqueles olhinhos assustados, ao mesmo tempo que pensava no sonho de sua Ava de ter tido uma menina, mudou sua maneira de pensar.

Quando ela disse, dormindo, “obrigada” no idioma Nárrua, Onan sentou-se no chão, totalmente desarmado da ideia de machucá-la. Ele aprendeu algumas palavras do idioma deles durante os tempos de guerras entre os dois povos. Até então, os Nárruas eram os únicos a quem os Aimarás não haviam conseguido subjugar, apesar de muito empenho.

— *Se a vida estiver me dando uma chance de consertar meus erros, tenho que agir de modo diferente.* — Onan se lembra de ter pensado naquela noite, enquanto olhava a garotinha dormir.

No dia seguinte, ela parecia menos assustada e agradecida pelos cuidados que recebeu de Onan. Quando ele falou com ela no idioma Nárrua, os olhos dela chegaram a brilhar.

— Como você veio parar aqui nas nossas terras?

— Eu corri do fogo e me perdi na floresta — ela respondeu tristonha.

— Vou levar você de volta para sua família! — ele prometeu, fazendo-a sorrir.

Então, Onan providenciou mantimentos para a longa viagem de muitos dias, até a fronteira que separa os dois territórios.

— Ninguém pode ver essa marca na sua nuca, você me entendeu? — Onan diz enquanto ajeita os longos cabelos de Aisha sobre o lenço que ele amarrou no pescoço dela — Você não pode falar nenhuma palavra no seu idioma! Quero que você finja que é muda, caso encontremos alguém na estrada! — ele falava e fazia gestos para que ela entendesse melhor o que ele estava tentando dizer no idioma dela.

Depois de alguns dias na estrada, um viajante qualquer os abordou. Assustada, a pequena Aisha se escondeu atrás das pernas de Onan. Mantendo a distância, por causa do medo da peste, o homem perguntou:

— O que o senhor vai fazer naquela direção com essa criança? Não há nada lá, só fumaça!

— O que aconteceu? — Onan pergunta.

— Não sabe que aquele é o território Nárrua? A peste chegou até lá, mas naqueles imundos a peste não era fatal, como era entre os outros povos. Eles só ficaram prostrados. Mas, graças ao nosso exército, que voltava de outras terras ainda não tão contaminadas, eles foram cercados e pegos de surpresa. Como estavam muito fracos por causa da peste, morreram todos pela espada. Depois, nossos homens queimaram tudo, para limpar a terra, tanto da peste, como daquele povo imundo.

O Comandante do exército Aimará, chamado Darus, não se importou em sacrificar a maioria dos seus homens. Ele concluiu que poderia não haver outra chance como essa, já que os guerreiros Nárruas estariam enfraquecidos pela peste. Então, ele dividiu seu exército em duas tropas. A primeira tropa invadiu o acampamento sob a ordem de eliminar todos os que encontrassem, homens, mulheres, crianças, idosos e até os animais. Mesmo fracos, os Nárruas ainda causaram muitas baixas entre os Aimarás. A segunda tropa ficou fora do acampamento, aguardando a ordem de atear fogo em tudo, incluindo em seus próprios soldados, já que poderiam ter sido infectados com a peste ao lutarem contra os Nárruas.

Onan escuta o homem e se lembra de Aisha dizendo que correu do fogo. Ele fica aliviado que ela não esteja entendendo nada das palavras dele, já que ele fala no idioma Aimará.

— Você acha que sobreviveu alguém do povo Nárrua? — Onan pergunta.

— Impossível! Os homens que voltaram estavam comemorando um massacre total. Disseram que era possível ver a fumaça de longe! Não restou pedra sobre pedra! Enfim, aqueles animais foram varridos da face da terra!

Depois que terminou de contar o ocorrido, o homem seguiu o seu caminho. Onan não sabia se continuaria a viagem para ver a destruição com seus próprios olhos ou se devia poupar Aisha desse sofrimento e voltar dali mesmo para sua casa. Enquanto ele pensava no que iria fazer, resolveu acender uma fogueira e cozinhar algo para comerem. Durante o preparo da comida, ele tentou extrair da pequena Aisha o que mais se lembrava.

— Quando os homens maus chegaram, meu pai e meu irmão

mais velho correram para lutar contra eles, mesmo muito doentes. Depois veio o fogo e a fumaça. Minha mãe, minha irmã e o meu irmãozinho não conseguiam correr, porque ainda estavam muito fracos. Como eu já tinha me curado da peste, minha mãe me mandou correr o mais rápido que eu pudesse, para o mais longe que eu conseguisse.

Onan escutou tudo com muita atenção, morrendo de dó ao ver a pequena Aisha contando tudo bem devagar, com a voz embargada pelo choro. Ele se viu obrigado a dizer a ela que seus pais e irmãos estão mortos! Todo o seu povo, na verdade. Ao ouvir isso, ela desabou a chorar por muito tempo, chorou até adormecer, soluçando. Onan ficou desolado com o tamanho da dor dela. Essa foi a causa dos seus pesadelos desde a sua saída do exército Aimará, depois que ele feriu gravemente a perna. Ele sofreu por entender que ele era um desses “homens maus” que chegava nos povoados matando e queimando tudo, apenas para obter mais riquezas e mais terras para enriquecer o Rei dos Aimarás, que pouco se importava com a vida de seus súditos.

De todos os povos, os Nárruas eram os mais odiados. Na verdade, eram os mais invejados por serem os donos das florestas e guardiões de todos os recursos naturais delas, protegendo com lealdade a sua fauna e flora da ambição e da ganância dos Aimarás, que tudo queriam possuir, explorar e destruir. Por isso, eles viviam em constantes conflitos. Os Aimarás sempre invadindo e devastando as terras dos Nárruas, enquanto eles tentavam se defender ferrenhamente.

Os homens e as mulheres do povo Nárrua eram extremamente fortes, férteis e longevos! Eles viviam entre cento e cinquenta a cento e oitenta anos, enquanto os demais povos viviam entre

oitenta e noventa. Por isso, espalhou-se a crença de que, dentre todos os povos que existiam, os Nárruas eram especiais, nomeados pelo Criador como protetores das florestas e dos animais. Dizia-se que a marca que todos eles trazem de nascença na nuca, simbolizava as raízes de uma árvore, o fervilhar da vida, como ficou conhecida.

Olhando para aquela menina dormindo, que pelo jeito é a última sobrevivente de um povo odiado e massacrado injustamente, Onan decidiu voltar para casa com ela e protegê-la como se fosse sua própria filha.



CAPÍTULO 03

Onan se mudou para as montanhas para poder criar Aisha longe dos olhos de todos e assim mantê-la segura. Como as montanhas estavam mais próximas da fronteira com o território Nárrua, Onan achou que seria melhor morar lá, já que entre os Aimarás espalhou-se a história de que aquelas terras foram amaldiçoadas devido ao massacre, e que espíritos foram vistos vagando por ali. Ele raciocinou que, supersticiosos como são, os Aimarás não se aproxima muito da fronteira por causa disso.

Demorou muito tempo e exigiu muito esforço, mas o velho Onan conseguiu construir uma casa simples de bambu e barro para eles morarem. Depois fez uma horta com as mudas e as sementes que levou consigo. Aos poucos, ambos sentiram que tinham novamente um lar.

Onan fez o máximo que pôde para que Aisha aprendesse a se cuidar, principalmente depois que ele morresse. Por isso, ele a ensinou, desde as coisas básicas, como cozinhar, plantar, costurar suas próprias roupas, como também a lutar com a espada, para se defender de outros, caso fosse necessário. Aisha também aprendeu o idioma e a escrita dos Aimarás.

Desde bem jovem, Onan aprendeu o ofício de tecelão com seu pai. Quando se casou, Ava se tornou sua companheira nesse trabalho, ajudando-o a tingir e fiar a lã das ovelhas e das fibras naturais, como o linho e o algodão. Depois que os fios ficavam prontos, eles teciam peças inteiras de tecidos em teares de madeira. O sustento deles vinha da venda desses fios e tecidos.

Mesmo quando Onan foi obrigado a se juntar ao exército dos Aimarás, Ava continuou o trabalho com outras mulheres do povoado. O trabalho só cessou quando a peste matou Ava e suas companheiras. Agora, é a jovem Aisha quem ajuda Onan em todo

esse processo. Foi aos pés desses teares que Aisha cresceu ouvindo Onan contar tudo o que ele sabia sobre as origens dela. Ele fez questão de que ela soubesse porque era importante que ninguém visse sua marca na nuca. Não que houvesse algum problema com ela, mas sim com a maldade no coração das pessoas, que odeiam o que é diferente, como aconteceu com ele.

Para não deixá-la sozinha durante sua longa viagem à cidade de tempos em tempos, Onan permitia que Aisha o acompanhasse, para que ela também aprendesse a interagir com outras pessoas, pelo menos o necessário. Ela ficou deslumbrada com tudo à sua volta. Onan ficava triste ao ver o brilho nos olhos dela, enquanto circulavam pelo comércio com ele, porque ele sabia que a havia submetido a um isolamento desnatural, com medo de que alguém descobrisse seu segredo. Aisha sempre é carinhosa dizendo que entende o que ele fez e é muito agradecida por seu amparo e proteção. Mesmo assim, ela se pega pensando como teria sido bom crescer entre o seu povo, com seus pais e irmãos, ter tido amigas e, na altura dos seus atuais vinte anos, quem sabe até ter se casado e tido filhos. Viver e morrer sozinha parece um tanto deprimente para ela às vezes, mas não há como arriscar se apaixonar por um homem entre os Aimarás e esconder sua origem, já que ela está estampada em sua nuca.

Certo dia, um homem que passava pela montanha ajudou Aisha com a roda quebrada da sua carroça. No começo, ela ficou muito assustada. Afinal, Aisha nunca tinha visto ninguém passar por ali em todos esses anos. Onan sempre ficava preocupado em deixá-la sair sozinha pela montanha para colher paina, bem como as plantas, ervas e frutas que ela usa para tingir os fios.

— Nós nem conversamos, pai! Ele parecia tão assustado quanto eu! — Aisha fala para acalmar Onan.

— Devia ser um ladrão!

— Um ladrão por aqui, pai? Por que, se nunca houve estrada e casas por aqui? Continuo achando que era apenas um caçador que parou para me ajudar e depois seguiu o caminho dele. Foi só isso!

— Tem certeza de que ele não viu sua nuca? — Onan pergunta, preocupado.

— Tenho, pai! Ele só me ajudou, fez um carinho na cabeça do Veloz e depois foi embora.

Aisha prefere omitir o que sentiu com esse encontro inesperado. Enquanto o homem misterioso acariciava a cabeça do cavalo, os olhos dele e os de Aisha se cruzaram por alguns instantes. Aqueles olhos verdes a hipnotizaram. Embora ele usasse um manto com capuz e tenha coberto o rosto com o lenço do pescoço, o pouco que Aisha conseguiu ver dos seus olhos e umas poucas mechas do seu cabelo comprido em volta do rosto já a deixaram impressionada.

— Bem que eu queria ter ouvido a voz dele! — diz Aisha, pensativa.

— Você está louca? Se esse homem aparecer de novo, eu te proíbo de falar com ele, você me ouviu? Não quero nem pensar o que aconteceria se ele visse a sua marca na nuca!

— O senhor se preocupa demais, meu pai! Olha como meu cabelo é comprido e volumoso, não tem como ver a minha nuca! E o senhor me obriga a usar esse lenço no pescoço o tempo todo! — ela diz afrouxando o lenço, abanando-se de calor.

— Todo cuidado é pouco, Aisha! Não me faça prendê-la dentro de casa!

— Era só o que me faltava! — ela retrucou, cruzando os braços.

Por causa dessa preocupação toda, Aisha prefere nem contar para Onan que o homem passou por ali novamente dias depois.

Aisha estava tirando água do poço quando ele se aproximou para dar água ao seu cavalo. Assustada, Aisha deixou cair dentro do poço a corda que puxa o balde para cima. O homem se aproximou e pegou a corda usando um longo bambu.

— Obrigada! — diz Aisha, receosa.

Ele assente com a cabeça. Seu rosto está coberto novamente. Então, Aisha oferece-lhe água na tentativa de fazê-lo tirar o lenço para conseguir ver o seu rosto, mas ele aponta para o cavalo, dando a entender que só quer água para ele.

— O que você faz por aqui outra vez? Tem vindo caçar por esses lados? — ela pergunta, tentando iniciar uma conversa, ignorando o que Onan havia dito.

Ele segue dando água para o seu cavalo sem responder à pergunta dela.

— Meu pai ficou preocupado quando eu disse que vi um homem andando por essas terras. Moramos aqui há muitos anos e nunca vimos ninguém passar por aqui.

Ele se vira e vem na direção dela. Aisha dá alguns passos para trás. Aqueles olhos verdes são realmente penetrantes. Então, ele estende o balde para Aisha e inclina a cabeça, querendo agradecer o gesto. Aisha pega o balde das mãos dele e continua com os olhos fixos nele, mesmo quando ele lhe dá as costas, andando em direção ao seu cavalo.

— Espere! — Aisha pede.

O homem para de andar, permanecendo de costas para ela.

— Volte outra hora para que eu possa te apresentar para o meu pai, assim ele poderá ficar despreocupado.

— Obrigado! — ele diz, após subir em seu cavalo.

A voz dele soou como um trovão para Aisha, de tão grave. Agora ela tem duas coisas para se lembrar do misterioso homem: seus lindos olhos verdes e sua voz de trovão.



CAPÍTULO 04

Muitos dias passaram e Aisha está triste por não ver de novo o tal homem misterioso. Mas ela sabe que ele esteve no poço outras duas vezes, pelo menos. Primeiro, porque, quando chegou lá outro dia, os baldes reservas já estavam cheios, poupando-a de todo o esforço. Não foi seu pai, Onan, porque ele não consegue mais andar longas distâncias nem tem mais força para essas tarefas, devido à idade avançada. Olhando em volta para ver se avistava o tal homem, ela achou as pegadas frescas dele e do seu cavalo. E, da segunda vez, Aisha encontrou dentro de um dos baldes um lenço dobrado. Quando ela abriu o lenço, havia alguns galhos de flor de lavanda seca. Sentindo uma euforia estranha em seu coração, ela apertou o lenço contra o seu peito, tentando entender o que significava aquele gesto da parte dele.

Aisha guardou o lenço com as lavandas secas dentro do seu baú de tecidos, mas tirou um galho para marcar as páginas de um dos seus livros. Ela adorava ler e, toda vez que eles iam para a cidade vender os tecidos, ela ia ao mercado de manuscritos costurados à mão para comprar os de segunda mão, já que eles eram bem mais baratos. Aprender sobre a história dos povos e lugares, tratamentos medicinais e tudo o que se sabia sobre o corpo humano era fascinante para ela, já que sua vida era tão solitária. Os livros eram como uma janela para um mundo do qual ela não podia fazer parte.

— Quando eu morrer, esses poucos livros serão suas únicas companhias! — lamenta Onan, deitado em sua cama, enquanto observa Aisha tirando o pó deles.

— O senhor ainda vai viver muito, meu pai!

Onan derruba uma lágrima, pois sabe que isso não é verdade. No auge dos seus oitenta e seis anos, a vista não o ajuda mais

e lhe falta força nas pernas. Ele já não consegue cuidar da horta, nem fabricar tecidos, muito menos viajar dias e dias até a cidade para vender o pouco de tecido que Aisha tem conseguido fabricar sozinha. Ele sempre chora de preocupação quando pensa que ela ficará totalmente sozinha quando ele enfim morrer.

— Você sabia que, na minha idade, os homens do seu povo ainda têm pele boa e força para fazer qualquer tipo de trabalho? Até filhos eles conseguem gerar, mesmo depois dos cem anos!

— Isso deve ser uma lenda, papai! — Aisha diz, rindo, embora já tenha lido algo assim sobre seu povo em um dos seus livros.

— Não é uma lenda, minha filha! É verdade! Eu mesmo conheci guerreiros valentes e fortes do seu povo que já tinham passado dos cem anos! Olhando, eles pareciam ter uns quarenta, no máximo cinquenta anos!

Aisha ri alto mais uma vez do que ela acha ser um exagero de Onan.

— Estou falando sério, Aisha! Por isso, eles eram tão odiados e perseguidos! Os Nárruas eram um povo especial e isso incomodava muito os outros povos! Para um povo forte e com uma expectativa de vida tão grande, seria fácil para eles dominarem os outros, se eles quisessem. Mas eles nunca demonstraram ter essa intenção. Eles eram pacíficos, concentrando-se apenas em cumprir o que encaravam ser a missão deles: proteger as florestas e os animais. Mesmo assim, nós os dizíamos só por precaução, usando estratégias covardes e desumanas.

O remorso e o arrependimento consomem Onan por ter contribuído com essa cruel matança. Levantando-se do chão, Aisha vai até a cama de seu pai e diz, segurando a mão dele:

— O que está feito, feito está, meu pai! Não estava ao seu alcance mudar a mentalidade de uma nação inteira. Sozinho, o

senhor não conseguiria mudar o futuro de todo o meu povo, mas o senhor conseguiu mudar o meu! E eu serei eternamente grata por isso! — ela diz, fazendo carinho na cabeça dele, e ambos ficam emocionados.

Dias depois, Aisha sai para pescar em um lago ali próximo. Cabe a ela agora a tarefa de ir pescar ou caçar. Ela está triste por ver Onan cada dia mais debilitado. Ela sempre o acalma dizendo que tudo ficará bem. Mas, a verdade é que ela sabe que ele logo adormecerá na morte e sofre, temendo a solidão.

— *Se ao menos o homem misterioso voltasse!* — ela pensa e suspira, enquanto tenta acertar o peixe com a lança.

É muito cedo para dizer que está apaixonada, já que ela não sabe nada sobre ele, mas aqueles olhos penetrantes a fazem desejar muito que ele apareça outra vez.

Aisha erra o alvo e o peixe passa entre os seus pés, fazendo-a desequilibrar e cair na água, molhando-se toda. Frustrada, ela sai de dentro do lago, tirando o lenço molhado do pescoço para torcê-lo. Sentada em um tronco de árvore em frente ao lago, ela tira as botas de couro e espreme o vestido de algodão, o máximo que consegue. Por último, ela puxa seu longo cabelo preto para o lado, apertando-o para tirar o excesso de água dos fios, deixando sua marca na nuca e pescoço em evidência. Aisha não percebe que está sendo observada desde que chegou ali.

Quando viu a bela moça se aproximar do lago, Akan se escondeu atrás de uma árvore. Ele havia passado a noite ali, pensando que não havia ninguém nesta região. Ao ver aquela moça entrar na água, ele ficou imóvel, contemplando cada movimento dela. Quando ela saiu da água, toda molhada depois de cair, sentou-se no tronco de árvore bem próximo de onde ele

estava escondido e deixou sua nuca e pescoço em evidência. Akan conseguiu enxergar nitidamente a marca: a mesma marca que ele tem!

— *Como isso é possível? Ela é uma Nárrua?* — ele pensa, esfregando os olhos — *Será que estou imaginando coisas?*

Não é uma ilusão! Ele firma os olhos e constata que é a mesma marca, a marca de nascença do povo Nárrua! Ele dá mais um passo na direção dela, mas um graveto estala e Aisha se assusta. Virando-se, ela grita ao ver um homem tão próximo dela, ainda mais um homem com traços e vestes tão diferentes dos que ela estava acostumada a ver quando ia à cidade para vender seus tecidos.

Aisha olha bem para ver se ele é o homem misterioso, mas este é mais alto e mais forte. Os olhos são de outro formato, embora tenham o mesmo tom de verde. Seu jeito de se vestir é bem diferente também. Ele está descalço, usa uma saia de couro e um pelego de pele animal sobre os ombros.

Ele estende as duas mãos para cima em sinal de paz. Mas, quando ele abre a boca para falar, o espanto de Aisha fica estampado em seus olhos arregalados.

— Fique calma! Eu não lhe farei mal! — ele diz no idioma Nárrua.

Embora Aisha não use mais esse idioma, ela o entende perfeitamente, por ser a língua do seu coração. Ela raciocina que isso nada significa, já que seu pai Onan é um Aimará e também sabia algumas palavras no idioma dela.

— Afaste-se! — ela grita no idioma Aimará, empunhando a lança que estava usando para pescar. — Vá embora! Você não é bem-vindo aqui!

Vendo o medo nos olhos dela, ele se vira lentamente e afasta os seus longos cabelos castanhos-claro para o lado, para que Aisha consiga ver a marca no pescoço dele.

— Veja! Você e eu somos iguais!

Aisha até perde o ar ao ver a marca descendo da nuca dele, pescoço abaixo.

— *Como pode ser isso?* — ela se pergunta.

Então, ele se vira para ela novamente bem devagar, com as mãos ainda para cima.

— Meu nome é Akan, filho de Zanoa, líder do povo Nárrua.

O nome Zanoa soa familiar para Aisha. Mesmo assim, ela não baixa a guarda e continua com a lança apontada para ele.

— O povo Nárrua foi extinto no grande massacre! — ela responde.

— Você fala no idioma Aimará, mas entende o que eu falo em Nárrua. Que Aimará aprenderia o idioma de um povo que foi extinto? Você é uma de nós, não precisa ter medo de admitir isso para mim!

Aisha percebe que não há mais como esconder ou disfarçar. Seu segredo foi descoberto!

— Por favor, me diga se há mais pessoas do nosso povo com você? — ele pergunta, cheio de esperança.

O brilho dos olhos dele ao fazer essa pergunta deixa Aisha comovida. Como ela queria dizer que sim, que vive com seus pais e irmãos, que todos sobreviveram. Mas ela prefere continuar em silêncio.

— Além de mim, há mais três de nós — Akan segue falando.
— Nós sobrevivemos à peste e ao massacre porque estávamos em outras terras, procurando por ervas medicinais. Quando voltamos

para casa — ele faz uma pausa, muito emotivo — só encontramos fumaça e cinzas.

Aisha pode ver a dor nos olhos dele ao relembrar isso. Como filho mais velho do líder do povo, Akan saiu nessa missão de achar uma possível cura para a peste, acompanhado de Dotan, seu irmão mais novo, Noegue, seu melhor amigo de batalha, e do sobrinho de Noegue, Soier. Os únicos sobreviventes do povo Nár-rua, ou pelo menos era isso o que os quatro pensavam.

— Qual é o seu nome? — Akan pergunta.

Aisha segue muda.

— Não sei como você sobreviveu, onde cresceu. Mas o fato é que você é uma de nós! Se quiser se juntar ao seu povo, você será muito bem-vinda!

Os olhos de Aisha se enchem de lágrimas, e Akan percebe que ela está mexida. Vendo que ela está irredutível, com sua lança em punho e sem fala, ele decide dar-lhe um tempo, para que ela possa digerir tudo isso.

— Estarei aqui amanhã, por volta dessa hora, caso você queira vir falar comigo e saber mais sobre o nosso povo. Mas, por favor, pense direito, pense com calma sobre o que isso tudo pode significar para a sobrevivência do nosso povo!

Akan dá as costas e começa a andar em direção à floresta. Aisha permanece imóvel, mesmo depois que Akan some de suas vistas. A emoção é tão forte que ela cai no chão, exaurida de suas forças. Sua cabeça roda ao se lembrar da marca na nuca dele e de suas palavras.

Ainda em choque, ela precisa organizar seus pensamentos e sentimentos. Quando, enfim, consegue se recompor um pouco, ela corre para contar tudo para o seu pai, Onan. Akan não a perde de vista nem por um momento, seguindo-a de longe.